



ASPECTOS IMAGINOLÓGICOS DA TORÇÃO ESPLÊNICA- RELATO DE CASO

Ananda Maffra NEDER¹; Ada Maia CHAVES² Larissa Rocha BALBINO³

1 – Médica Veterinária, residente em diagnóstico por imagem na Universidade Federal de Lavras.

2- Médica veterinária, ultrassonografista autônoma.

3- Médica veterinária, aprimoranda em clínica médica de pequenos animais na Wevets.

anandanedermv@gmail.com

RESUMO

A torção esplênica é uma patologia que pode ser causada por diversos motivos, como trauma, trombos, secundariamente ao vólculo gástrico entre outros. Em relação ao diagnóstico, o histórico clínico, bem como a avaliação ultrassonográfica devem ser associados. Vale lembrar que essa afecção pode levar à morte do animal. Assim, o trabalho em questão objetiva relatar o caso de uma paciente que teve torção esplênica. Trata-se de uma canina que estava com abdômen distendido e intensa algia abdominal. O diagnóstico foi estabelecido por meio do método ultrassonográfico, associado ao exame físico, sintomatologia clínica e hemograma. O caso foi parcialmente coincidente com os dados descritos na literatura. Dessa forma, mais estudos precisam ser feitos para que haja uma maior elucidação diagnóstica e terapêutica dessa patologia.

Palavras-chave: alterações de Baço; canino; diagnóstico por imagem.

INTRODUÇÃO

A torção esplênica se caracteriza pelo giro do baço em torno dos ligamentos gastroesplênico e frenoesplênico. Com isso, ocorre oclusão da drenagem venosa e do suprimento arterial (HUGHES; JHONSON; GENAIN, 2020). É um quadro raro que ocorre principalmente em cães de grande porte e de raças que tenham peito profundo (ORTIZ et al, 2016). Ademais, já foi descrito que há predisposição racial e sexual. Assim, raças como Pastor Alemão e Dogue Alemão têm maior predisposição, ocorrendo principalmente em machos (DEGROOT et al, 2016).

A literatura destaca que a afecção pode ter diversas etiologias. Dentre elas, pode-se citar, por exemplo, ruptura ou frouxidão dos ligamentos que sustentam o baço como causas primárias. Já de

maneira secundária, tem-se a associação com outras patologias a exemplo do vôlvulo gástrico(SANTI, SANDRIN e CRUZ,2024).

Em relação à sintomatologia clínica, o animal pode apresentar sinais como dor abdominal, vômitos, anorexia e letargia em quadros agudos. Já nos crônicos, a sintomatologia clínica é variada e inespecífica (LOURENÇO et al, 2025).

O hemograma pode auxiliar no diagnóstico clínico, visto que há a possibilidade de o animal ter alterações hematológicas, como leucocitose por neutrofilia com desvio à esquerda, monocitose, anemia e trombocitopenia. Já na urinálise, hemoglobinúria é uma alteração possível (SANTI, SANDRIN e CRUZ,2024).

Outros métodos diagnósticos podem ser utilizados, a exemplo do exame ultrassonográfico. Nele, pode-se detectar alterações como aumento esplênico, caracterizado pelo abaulamento de bordos do órgão. Além disso, há pouca ou nenhuma formação de sinal doppler e em região hilar, forma-se um triângulo hiperecogênico. A ecogenicidade do Baço pode ou não se alterar (PENNINCK e D'ANJOU, 2025). Forma-se também um padrão denominado rendilhado no parênquima e em alguns casos, é possível visibilizar um ou mais trombos dentro do lúmen dos vasos esplênicos (MATOON E NYLAND, 2015).

O exame radiográfico também pode ser utilizado para auxílio diagnóstico nos casos de torção esplênica. Tem-se como achados radiográficos esplenomegalia acentuada que se caracteriza pelo abaulamento de bordos. Na projeção lateral, o órgão pode assumir um formato de “c invertido” ou se assemelhar à uma massa no abdômen ventral na projeção ortogonal. Ademais, a extremidade proximal pode não ser visibilizada em sua topografia habitual. Vale lembrar também que se alterações enfisematosas estiverem presentes de maneira concomitante, o parênquima esplênico terá um aspecto radiográfico mosqueado (THRALL, 2022). Além disso, o método ultrassonográfico deve ser preferido em relação ao radiográfico, porque esse apresenta achados inespecíficos. A esplenomegalia, por exemplo, pode ocorrer, em outras condições como infecções, neoplasias entre outros (THRALL, 2022).

A tomografia é um método imagiológico que também pode trazer informações que auxiliarão no raciocínio clínico. Nesse sentido, os achados tomográficos incluem o baço aumentado e mal posicionado, com parênquima homogêneo. Nota-se também ausência de realce pelo contraste e o pedículo rotacionado com atenuação de tecidos moles (HUGHES; JHONSON; GENAIN, 2020).

Entretanto, apesar do uso dessa modalidade de imagem avançada ter crescido nos últimos anos, seu uso ainda é limitado. Isso se deve, por exemplo, pelo fato de se tratar de um exame mais oneroso e com pouca quantidade de aparelhos/locais que o possuem (GRECO et al, 2022).

Para o tratamento, deve-se lançar mão da cirurgia visto que se trata de uma condição emergencial (PATIL, DAR e TIWARI, 2011). Em relação às técnicas cirúrgicas, a evolução/gravidade do quadro devem ser considerados na escolha das mesmas. Dessa forma, pode-se usar por exemplo a gastropexia incisional ou até mesmo a esplenectomia (DINESH et al, 2022). Assim, o objetivo do trabalho é relatar o caso de uma canina que apresentou torção esplênica.

METODOLOGIA

Uma paciente, canina, sem raça definida, não castrada, de 12 kilogramas foi levada para atendimento veterinário porque, de acordo com a tutora, ela estava com o abdômen distendido e intensa algia abdominal. Considerando o status reprodutivo da paciente uma das principais suspeitas clínicas foi de piometra. A partir disso, foi feito o exame clínico, no qual foi possível confirmar que o abdômen estava distendido visualmente e também por meio da palpação. Ademais, a paciente estava com mucosas hipocoradas.

Após isso, foi solicitado exame ultrassonográfico e hemograma. A partir da análise ultrassonográfica, foi possível visibilizar baço acentuadamente aumentado, hipoecogênico e com padrão rendilhado. Além disso, havia líquido livre. Já no hemograma, constatou-se anemia. A partir disso, chegou-se ao diagnóstico de torção esplênica e foi recomendada então, intervenção cirúrgica. Porém, a tutora estava com receio de autorizar o procedimento e a paciente acabou vindo a óbito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos estudos encontrados nas bases de periódicos, é possível afirmar que há uma concordância parcial em relação ao histórico clínico e alterações ultrassonográficas (Figura 1 e Figura 2) com o caso relatado. Isso porque, os artigos e livros descrevem que a torção esplênica geralmente ocorre em cães de grande porte e machos. Porém, no caso em questão, o paciente era uma fêmea de médio porte. Nos demais aspectos, o caso foi bem semelhante, visto que houve coincidência dos sinais clínicos, alterações ultrassonográficas e tipo de terapia indicada.

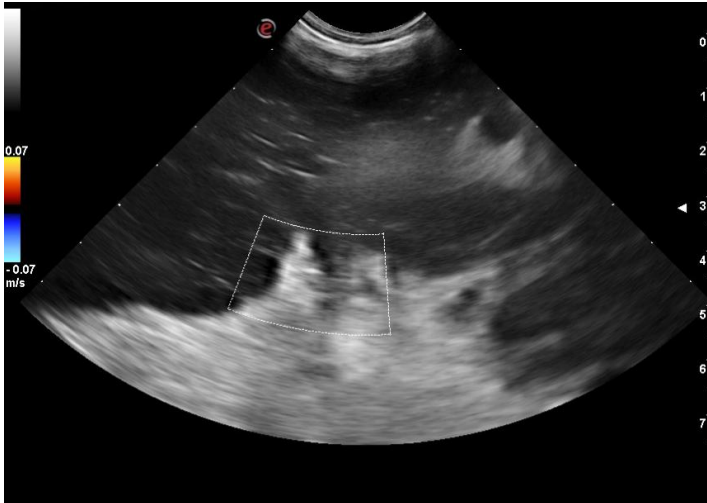


Figura 1- Torção esplênica. Fonte: Imagem cedida pela veterinária Ada Chaves.



Figura 2- Líquido livre no lado esquerdo do abdômen. Fonte: Imagem cedida pela veterinária Ada Chaves.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, conclui-se que a torção esplênica deve ser diagnosticada e corrigida rapidamente. Isso, porque ela pode causar a morte do animal em pouco tempo. Dessa forma, a avaliação clínica deve ser sempre associada com exames laboratoriais e de preferência, com o ultrassom. Além disso, mais estudos devem ser feitos para que se possa ter mais detalhes sobre a epidemiologia da afecção. Isso se explica pelo fato de que a paciente do caso, não era um canino de grande porte do sexo masculino, tal qual geralmente se apresenta descrito na literatura.

REFERÊNCIAS

- DEGROOT, W. et al. Primary Splenic Torsion in Dogs: 102 cases (1992-2014). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v.248, n.6, 2016.
- DINESH, P. T. et al. Splenectomy and Gastropexy for Managing Gastric Dilatation Volvulus Complicated With Splenic Torsion in a Dog. **Indian Journal of Canine Practice**, v.14, n.2,p.131-133, 2022.
- GRECO, A. et al. Imaging Techniques in Veterinary Medicine. Part II: Computed Tomography, Magnetic Resonance Imaging, Nuclear Medicine. **European Journal of Radiology Open**, v.13, n.10, 2022.
- HUGHES, J. R.; JOHNSON, V. S.; GENAIN, M.A. CT Characteristics of Primary Splenic Torsion in Eight Dogs. **Veterinary Radiology & Ultrasound**, v.61, n.3, p.261-268,2020.
- LOURENÇO, G. et al. Torção Esplênica Primária em Cão: Relato de Caso. **Medicina Veterinária**, v.19, n.2, 2025.
- MATOON, J. S.; NYLAND, T. G. **Small Animal Diagnostic Ultrasound**. St. Louis: Elsevier, 2015.
- ORTIZ, B. C. et al. Torção Esplênica Primária em um Cão: Relato de Caso. **Medicina Veterinária e Zootecnia**, v.68, n.5, 2016.
- PATIL, D.B.; DAR, M.D.; TIWARI, D.K. Splenic Torsion in a Dog and its Emergency Management. **Intas Polivet**, v.12, n.11, p.395-398, 2011.
- PENNINCK, D.; D'ANJOU, M.A. **Atlas of Small Animal Ultrasonography**. Wiley- Hoboken, 2025.
- THRALL, D. E. **Diagnóstico de Radiologia Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,2022.

